

09. lobo
27/11/95 18
28

Mapa revela florestas nordestinas

LETÍCIA LINS

RECIFE — Considerada o segundo ecossistema mais ameaçado do mundo, a Mata Atlântica está numa situação ainda mais dramática no Nordeste. A floresta atlântica nordestina — a mais rica em biodiversidade da Terra — é o ecossistema mais degradado do Brasil e pode desaparecer em poucos anos. Os remanescentes, distribuídos em esparsos e pequenos fragmentos, somam apenas 10% da vegetação original. A primeira ação concreta para identificar o que ainda resta de mata e indicar os pontos prioritários foi lançada agora. Trata-se do primeiro mapa de prioridades para conservação da Mata Atlântica. Limitado ao Nordeste, ele aponta 105 áreas que precisam de intervenção urgente e propõe a criação de 43 unidades de conservação.

O mapeamento — elaborado por um consórcio de organizações não governamentais, universidades e pelo Ibama — não obedeceu à divisão política do país e considerou a abrangência da Mata Atlântica nordestina de acordo com suas características biológicas. Por isso, o estudo engloba parte dos estados de Espírito Santo e Minas Gerais. Além da floresta ombrófila (a mais espessa), foram registrados todos os ecossistemas associados: brejos de altitude, matas serranas, restingas e manguezais. O mapa mostra que em pelo menos 30 dessas regiões não há informações suficientes sobre fauna e flora no que diz respeito à sua importância biológica, classificada como extremamente alta.

As áreas que precisam de recuperação estão ocupadas com plantações de cana-de-açúcar, cacau, atividades agropastoris, consórcios de gado e policultura, pecuária e plantios de eucalipto. As regiões consideradas prioritárias são cinco: do delta do Rio Doce ao Jequitinhonha, Sul da Bahia e Recôncavo, Norte da Bahia e Sergipe, Zona da Mata (Alagoas, Paraíba e Pernambuco) e brejos do interior (Rio Grande do Norte, Ceará e Pernambuco).

O botânico Osvaldo Lira, da Sociedade Nordestina de Ecologia (SNE), diz que a Mata Atlântica nordestina é a mais devastada devido ao processo de colonização com plantio de cana-de-açúcar. Além disso, a floresta sofreu as consequências do crescimento urbano, facilitado pelo relevo suave.

Outro agravante, segundo a botânica Rita Pereira, é a falta de fiscalização. Ela lembra que o Código Florestal prevê a conservação de 20% das matas de cada propriedade rural comprada. Mas os fazendeiros burlam facilmente esse limite.

O mapa de prioridades tem tiragem inicial de dois mil exemplares. Da sua elaboração, participaram mais de cem cientistas de todo o país, que cruzaram informações sobre botânica, vida aquática, insetos, mamíferos, aves, répteis e anfíbios. O mapa está disponível em disquete e tem versão digital que pode ser consultada via Internet. Ele foi confeccionado em papel reciclado e suas tintas de impressão foram obtidas a partir do óleo de soja. O trabalho é um esforço conjunto da SNE, Fundação Biodiversitas, Conservation International e universidades brasileiras.



Josenildo Tenório

Pequenos roedores silvestres, como os ratos-cachorros, são os únicos mamíferos encontrados em razoável número na Mata Atlântica Nordestina

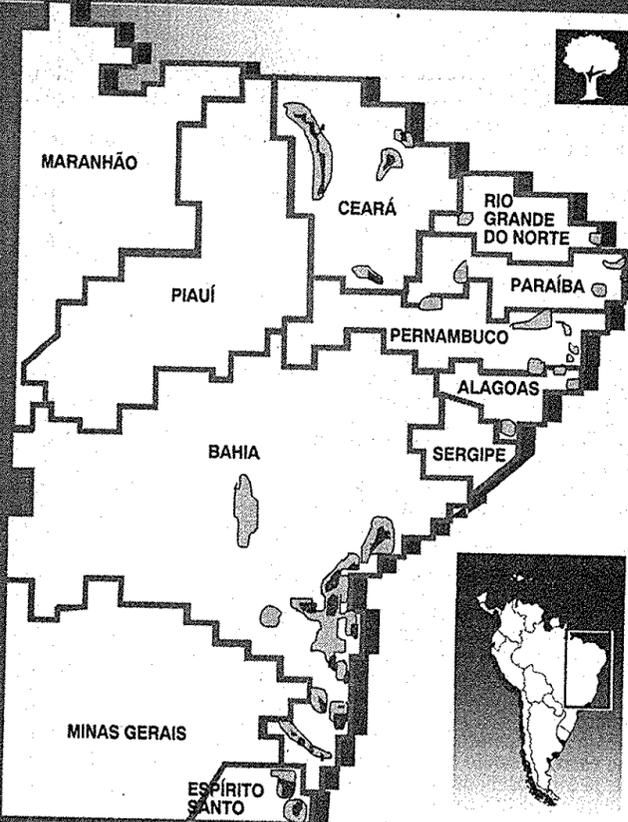
Bahia tem mais áreas preservadas

RECIFE — O mapa da Mata Atlântica revelou que a vegetação remanescente ocupa uma área de 1.627.814 hectares. O estado com a maior área preservada é a Bahia (968.585 hectares), seguido de Ceará (274.314 hectares) e Pernambuco (152.430 hectares). Apesar de toda a devastação, a Mata Atlântica nordestina ainda tem grande diversidade de espécies vegetais. Só no herbário do Centro de Planos da Lavoura Cacaueira (Ceplac), com sede em Ilhéus, há 70 mil mudas de espécies, muitas ainda sem identificação.

Entre as árvores conhecidas, há pelo menos 20 espécies ameaçadas, como pau-jangada (*Apeiba tibordou*), jequitibá ou pau-de-carga (*Cariniana legalis*), camaçari (*Caraipa densifolia*), sucupira-açu (*Diplotropis purpurea*), cabo-de-machado (*Aspidosperma discolor*), ipê-roxo (*Tabebuia impetiginosa*) e o pau-brasil (*Cesalpinia echinata*), que foi praticamente extinto na natureza. O pau-brasil só não desapareceu ainda devido à dedicação de ambientalistas pernambucanos que multiplicaram mudas e o reintroduziram em diversas regiões do país.

O que sobrou da Mata Atlântica

Os pontos pretos indicam as áreas onde há remanescentes da Mata Atlântica no Nordeste, o ecossistema mais ameaçado do Brasil. As áreas em cinza são consideradas as mais importantes para a conservação da biodiversidade da região. O levantamento revelou que as florestas foram reduzidas a pequenas manchas, concentradas principalmente na Bahia.



Editoria de Arte

Mata abriga mais de mil espécies

RECIFE — A devastação da Mata Atlântica não impede que ainda hoje se registrem em suas áreas remanescentes mais de mil espécies de aves, pelo menos 183 de mamíferos (alguns ainda sem identificação), 38 de anfíbios, 47 de répteis e um número desconhecido de artrópodes (invertebrados entre os quais se incluem os insetos) que pode chegar a mais de cem mil, dos quais apenas 20% já foram identificados pelos cientistas.

Esses, pelo menos, são os números até agora obtidos pelos cientistas que participaram de grupos de trabalho para elaboração do mapa de prioridades para a conservação da Mata Atlântica do Nordeste. Segundo o ornitólogo Paulo Antas, muitas aves são endêmicas do Nordeste ou só ocorrem em partes de sua mata. Algumas delas, como o mutum-do-Nordeste (*Mitumitu*), praticamente desapareceram da natureza. Antas disse que há aves que não têm nem nome popular. É o caso da *Terenura sicky*, registrada pela primeira vez em 1983, e que sofre sério risco porque só habita matas intactas.

Já o professor Alfredo Langguth, da Universidade Federal da Paraíba, afirmou que os mamíferos maiores, como a capivara (*Hydrochoerus*) praticamente desapareceram da Mata Atlântica do Nordeste. Mas a variedade das espécies menores ainda é grande. O maior grupo é o dos morcegos (83 espécies), mas também há quantidade razoável de espécies de roedores (40), marsupiais (15) e pequenos carnívoros (16). No momento, o cientista trabalha com dois roedores do gênero *Crizomya*, coletados na Bahia, de espécies desconhecidas. Os roedores, como o rato-cachorro (*Calorurnys phylander*) ainda são comuns.

Estudo descobriu répteis e anfíbios

Uma pesquisa que vem sendo realizada pela cientista Elisa Freire, da Universidade Federal de Alagoas, também revelou surpresas entre espécies de répteis e anfíbios. Ela coletou na Mata Atlântica de Alagoas 550 exemplares de anfíbios, 29 dos quais ainda estão sem identificação e com o gênero desconhecido.

Elisa diz que só o gênero mais comum de anfíbios, o *Eleutherio*, parece ter pelo menos seis espécies diferentes na região. Ela também encontrou um tipo de cobra-cega (que, apesar do nome, é anfíbio), cuja espécie era desconhecida.

Já entre os répteis, a cientista coletou 300 exemplares de 47 espécies, sendo 20 lagartos, um anfisbena (uma cobra de duas cabeças) e 20 cobras comuns. Ela encontrou duas espécies novas de lagartos em fase de identificação.

Foi achada também uma espécie que se acreditava existir só na caatinga, o *Tropidurus semitaeniatus*, e uma cobra que era tida como existente apenas na Amazônia e no Norte de Mato Grosso, a *Bathrops brasiliis*. Outras duas espécies de cobra estão em fase de identificação.